

MEIRELES, Denise Maldi. *Relatório de pesquisa de Campo-Survey no Posto Indígena Guaporé*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1989. (mimeo).

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. Política do idioma: as línguas indígenas. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 39, Brasília, 1987. *Resumos...* Brasília: SBPC, 1987.

RODRIGUES, Aryon D. *Línguas Brasileiras*. São Paulo: Loyola, 1986.

## A FEIRA LIVRE DE BRAGANÇA - PARÁ

### História e estratégias culturais

Dedival Brandão da SILVA\*  
Ana Paula Fagundes CAMPOS\*\*  
Clarice Nascimento de MELO\*\*\*

**RESUMO:** Este estudo tem por objetivo traçar uma breve cronologia da feira livre de Bragança e tecer alguns comentários sobre o seu significado para os que nela trabalham. Inicialmente, procuramos resgatar o seu processo de implantação, desenvolvimento e transformação, identificando os mecanismos que serviram de base para tais mudanças. Em seguida, procuramos, também, contemplar os diferentes mecanismos de identificação de grupos populacionais da região com o espaço da feira, ressaltando que a ocupação de seus espaços se dá por padrões econômicos, porém, significativamente sociais e culturais. Assim, tentamos demonstrar que a feira, ao se transformar em espaço de criação simbólica, permite que as práticas, ali vivenciadas, reflitam o trabalho cotidiano dos grupos sociais que dela se utilizam.

**PALAVRAS-CHAVE:** História social, trabalho cotidiano, criação simbólica, identidade social, cultura popular.

**ABSTRACT:** The aim of this study is to present a historical chronology of the open market in Bragança, jointly with comments concerning its significance for those who work within it. Initially we attempt to recapitulate, historically, its inception, development, transformations, and to identify those mechanisms which served as the basis for subsequent changes. In addition, we endeavor to detail the different identificatory mechanisms utilized by local populations in dealing with the market space itself. Emphasis is given to the fact that its spatial occupation occurred within the framework of economic patterns, albeit, mainly of a sociocultural nature. We then

\* Antropólogo do Museu da UFPA.

\*\* Assistente de Pesquisa do Museu da UFPA.

\*\*\* Pesquisadora do Museu da UFPA.

attempt to demonstrate that the market, upon becoming transformed into a "spatially symbolic unit", reflects existing work-related practices, carried out daily by the social groups who make use of the space.

**KEY WORDS:** Social history, quotidian labor, symbolic creation, social identity, popular culture.

## 1 FEIRA E CONTEXTO REGIONAL

A compreensão de feira como objeto de estudo, em sua dimensão social, econômica, política e cultural, passa pelo reconhecimento de seu processo de implantação, desenvolvimento e transformação histórica.

Segundo dados recentes, fornecidos por nossos informantes, o Município de Bragança<sup>1</sup> economicamente apóia-se no extrativismo (peixes e mariscos) e na agricultura, cuja base é de culturas de subsistências (mandioca e feijão). Com pouca expressão contribui a cultura do fumo e, ainda, em menor escala, a da pimenta-do-reino.

Carente de um parque industrial, a cidade tem na Prefeitura Municipal uma das maiores fontes de empregos, porém, não é a única. O comércio, mesmo sendo um setor dinâmico, absorve a força de trabalho de forma restrita. Dessa forma, são as atividades informais que possibilitam o sustento de inúmeras famílias bragançinas. As atividades informais centram-se na feira livre, local em que supostamente, podem se estabelecer aleatoriamente.

A história da feira de Bragança delinea-se a partir de fatos relacionados com a própria história da fundação do Município. Após inúmeras entrevistas com autoridades, feirantes,

10 Município de Bragança conta com uma área de 3258 Km<sup>2</sup> e uma população atual estimada em 115465 habitantes, distribuídos em sete distritos (Almoço, Caratateua, Nova Mocajuba, Piabas, Tijoca e Tracateua), segundo estimativa fornecida pelo IBGE em 1990.

administradores e os próprios freqüentadores, concluiu-se que existem diferentes concepções sobre a situação atual da feira, ou seja, para alguns informantes, a feira expressa o momento de estagnação em que vive o Município; para outros, representa, efetivamente, o crescimento da cidade. Contrapondo tais visões, podemos detectar um vínculo que, sem dúvida, constitui um dos pontos fundamentais da condição e do significado atual da feira, que é o crescimento populacional. Entretanto, a percepção da expansão populacional é encarada sob diferentes perspectivas, como veremos a seguir.

Até onde pudemos constatar, a fundação de Bragança deu-se inicialmente, na localidade denominada "Vila Que Era", do outro lado do Rio Caeté. Posteriormente, com o desenvolvimento da região, o local em que hoje se localiza a feira, antes ocupado pelos índios da tribo Caeté, transformou-se num espaço basicamente de pescadores. Anos depois foi construída nesse local a igreja de São João, mais conhecida como a "Igreja dos Pescadores", que passou a ser um espaço de distintividade do grupo. Atualmente, o único vestígio dessa igreja é o marco conhecido como "Cruzeiro". Desde então, aquela área da cidade de Bragança ficou conhecida como "Aldeia" (em virtude do povoamento indígena) e é hoje um dos bairros mais movimentados da cidade, sobretudo pela existência da feira.

Diante do processo de expansão da cidade, a ocupação daquele espaço realizou-se paulatinamente, a exemplo da construção do mercado de carne (1911), do cais e de algumas casas de descendentes de portugueses que ali se instalaram.

Resgatando o histórico do município, constatou-se que o mesmo viveu se apogeu como um dos mais importantes do Estado, na década de 30. Destacando-se por ter uma população de número significativo, em comparação com os demais municípios do Estado, e por ter na agricultura e na pecuária, os

setores econômicos de maiores expressões na economia regional, disso resultou um possível desenvolvimento no campo cultural e educacional.

Naquele período, o município, além de atender a demanda da população ainda contribuía para o crescimento do Estado. De acordo com o depoimento do ex-prefeito, Sr. Emílio Ramos, chegaram a ser instaladas algumas agências bancárias, indicadoras do progresso que a cidade vinha passando.

Atualmente, o município, na opinião de alguns “parou no tempo”, porém, outros, contraditoriamente, o percebem como representante do progresso. Nesse dualismo de concepções se insere a feira, as justificativas e explicações dadas por nossos informantes sobre o seu estado. É lógico que não podemos deixar de considerar que o município integra-se em um contexto mais amplo. Portanto, os fatores explicativos podem ser intrínsecos e extrínsecos à realidade bragantina. Nesse caso, o que nos cabe discutir e entender são as vias e instrumentos que originaram aquilo que grande parte denomina como um espaço de desorganização - a feira.

Historicamente, é a partir do mercado de carne que surge o esboço daquilo que viria a ser a feira de Bragança. A “feira” constituía-se na verdade, num aglomerado de pessoas que se dispunham naquele espaço de forma desordenada, sem nenhuma infra-estrutura, aproveitando-se do movimento provocado pela venda de carnes e da chegada de peixes através do cais. Dessa forma, instalaram bancas, barracas e tabuleiros para a venda de farinha, verduras, legumes, mariscos. Aliada a essa organização havia, ainda, bancas e barracas espalhadas pelo centro da cidade, sobretudo na Praça da República, localizada em frente à prefeitura. Alí também vendia-se frutas, legumes, verduras e outros gêneros alimentícios. A paisagem que se esboçava era a de uma cidade desorganizada, e carente de um

com a construção de um novo porto. Além disso, a área mais distante das margens do rio foi ocupada, implicando na derrubada de inúmeras mangueiras e na pavimentação de grande parte daquela superfície. Portanto, o trabalho de implantação da estrutura da feira implicou na extinção de uma área, considerada por muito informantes como bonita, sobretudo pela “cortina de mangueiras”, alí existente, palco de realização de algumas manifestações culturais da cidade, como a Cavalhada<sup>2</sup>, durante os festejos de São Benedito.

Contraditoriamente, as autoridades daquela época viam no projeto de construção de feira livre, a solução para transformar aquele espaço em algo estético e economicamente aproveitável. Dessa forma, podemos afirmar que o projeto do Sr. Emílio Ramos tinha como objetivo básico a organização da feira, além de propor conforto às pessoas que se dedicavam às diferentes especialidades de trabalho existentes naquele lugar. Nesse sentido, construiu o Mercado de Peixe e ao seu redor inaugurou boxes construídos em madeira e cobertos com telhas de amianto, cuja numeração facilitaria a identificação dos produtos comercializados. Assim, a feira dividia-se em setores, com boxes padronizados e com o espaço específico para a venda de cada produto. É importante salientar que havia uma preocupação constante por parte das autoridades municipais em conservar a feira limpa e organizada, pois muitas vezes era utilizada como “cartão postal” da cidade. Encontros, passeios e almoços realizavam-se na feira, sendo frequente a presença de autoridades nas barracas de venda de comida, como podemos constatar no relato a seguir.

<sup>2</sup> Sobre o significado da expressão “Cavalhada” ver SILVA, 1990, p. 210-11.

local estruturado que atendesse a demanda de um setor ou atividade que crescia lentamente junto com a sua população.

A idealização de uma feira estruturada e organizada foi um projeto político-pessoal do Sr. Emílio Ramos, enquanto candidato à prefeitura do Município de Bragança nos anos 60. A concretização do projeto deu-se com a sua eleição. Assim, podemos afirmar que a feira, enquanto estrutura organizada e espaço delimitado onde se estabelecem as relações sociais de trocas, que coexistiu com um mercado de produtos de diferentes gêneros formado por vários estabelecimentos comerciais, surge oficialmente em 1968. Logo o que existia até então era um espaço de comercialização de produtos, caracterizado, basicamente, por um crescimento desordenado, e por atuar como elemento de distribuição de renda entre a população bragantina.

Nesse contexto, pensar na procedência da feira livre do município, reporta-nos a estes dois momentos distintos, porém, interligados. Isto porque ambos supostamente atuaram no processo que deu origem à feira oficial, cuja construção ocorreu em função da necessidade social de atender a um setor que reclamava maior atenção político-administrativa.

Aliado a isso, havia a preocupação com a própria imagem do município, haja vista que aquela área próxima à margem do Rio Caeté atraía a atenção das pessoas, tanto bragantinas quanto as oriundas de Belém e de outras cidades. Assim, a forma como a feira estava estruturada em torno do mercado de carne comprometia a estética daquele espaço, considerado como ponto turístico da cidade, de acordo com o depoimento do Sr. Afonso Lhamas, Secretário de Obras do período em questão.

Construída, obedecendo às características do modelo da Região Sul do país, a feira de Bragança exigiu que toda a área circunscrita ao Rio Caeté fosse reformada, principalmente

"... Eu tinha a feira, assim, como a menina dos meus olhos (...) estou lhe dizendo que aquilo era turismo. Eu fiz Congresso de Médico de todo o Brasil lá. Iam fazer refeição na feira, vê a higiene como era (...) Eu ofereci banquete aos médicos, o Alacid era Governador, ficava louco por aqui. Vinha gente de Capanema à noite tomar cerveja, tomar o seu mingau (...) Não é o que é hoje, o que vocês estão vendo é completamente diferente... (Emílio Ramos)

Já nessa época configura-se a relação paternalista (Prefeitura/feirante), que permeou e continua a permear o processo de ocupação daquele espaço, haja vista que a distribuição dos boxes naquele período obedeceu a lances de sorteio.

Na verdade, com esse sistema de sorteio, que concretamente realizou-se por meio de "doação", a Prefeitura Municipal transformou a feira num local onde as pessoas se estabeleceram, comercialmente, mediante a autorização de Prefeito. Entretanto, como veremos melhor no item seguinte deste artigo, a visão paternalista esboçada a partir de um sistema de sorteio, precisa ser relativizada se levarmos em conta que cada pessoa ao fazer uso da feira o fará de forma diferenciada. Assim, já nesse período é reconhecida a utilidade da feira como compensadora das deficiências do município, ocasionados pela falta de atividades remuneradas. Tal reconhecimento tornou-se mais explícito quando ocorreu o aumento da população, que para sobreviver concentrou-se na feira, tendo-a como único meio de sobrevivência.

O crescimento da feira foi decorrente, basicamente, de dois fatores. Primeiro, devido ao fato de o município não ter criado dentro de sua economia, espaço para empregar a mão-de-obra crescente; as atividades comerciais não atingiram um bom nível de desenvolvimento e as atividades industriais inexistem até hoje. O outro fator refere-se ao exôdo rural; a agricultura e a bovinocultura não se desenvolveram a ponto de prender os colonos na zona rural; quem possuía lotes de terras arrendados ou que apenas se empregavam em propriedade alheia foram expulsos de suas casas por não conseguirem sus-

tentar suas famílias. A falta de escolas na zona rural também foi motivo do grande deslocamento das famílias do campo para a cidade, pois é recorrente na fala dos informantes que estes saíram de suas terras com o intuito de trazer seus filhos para estudar na cidade, já que a maioria das escolas rurais só oferecem as séries iniciais do ensino de Primeiro Grau.

O exôdo rural é o reflexo de um processo de falência das colônias agrícolas, que se esgotaram enquanto instrumento de manutenção do grupo familiar na área rural. Isto aconteceu graças a uma estrutura de alta concentração de riquezas, pois as famílias mais abastadas foram aos poucos acumulando capital, ocasionado pela posse da terra e pela renda por ela produzida. Até onde pudemos depreender, com base em depoimentos de alguns grupos domésticos da zona rural, a diversidade na forma de produção da farinha revela que enquanto alguns grupos domésticos utilizam-se essencialmente de instrumentos artesanais, outros, em contrapartida, aproximam-se de uma produção baseada em uma tecnologia, que mistura elementos artesanais com outros que já refletem indícios de um desenvolvimento tecnológico através do uso de máquinas, que por sua vez permitem um maior aproveitamento e rentabilidade da mandioca.

Esta diferenciação agrava-se ainda mais devido a uma política de incentivos desenvolvida pelas autoridades competentes, voltada exclusivamente para os grandes investimentos nessa área.

Criou-se com esse processo um impasse, já que o município não possuía infra-estrutura econômica para abrigar a mão-de-obra excedente, a solução encontrada pela própria população foi de instalar-se na feira, e de lá tirar o seu sustento.

E como a cada dia aparecia uma pessoa para reivindicar um espaço, a feira foi perdendo a forma criada pela adminis-

tração local, para assumir uma outra, criada pelos próprios feirantes no seu dia-a-dia.

Depreendemos, assim, haver uma diferenciação clara quanto às percepções e justificativas da nova estrutura da feira. Tomemos o caso do Sr. Emílio Ramos, que apesar de reconhecer no passado o papel e a importância das colônias agrícolas na economia do município, percebe que atualmente com o descaso e a falta de incentivos àquelas áreas, em todos os aspectos, tais como: saúde, educação, condições de vida, elas constituíram-se em veículos de inchamento da feira. Muito embora atribuam a condição atual da feira ao crescimento da cidade, poucas vezes relacionam-na à migração de colonos como fator propiciador de tal situação. Por outro lado, não negam a carência de um mercado de trabalho que absorva grande parte da população, sobretudo o setor industrial, cuja existência diminuiria sensivelmente o número de novos feirantes.

Deduzimos, pois, que a trajetória de implantação e transformação da feira de Bragança foi um processo que ocorreu sem que as autoridades locais pudessem revertê-lo. O aspecto político aparece, então, como o primeiro sinal ambíguo da organização e desorganização daquele universo. A visibilidade desses atributos manifesta-se na vontade política do Sr. Emílio Ramos ao construir a feira com o objetivo de a longo prazo, nas demais administrações municipais, conciliar atitudes que se superpõem e se sucedem a partir da necessidade de atender os inúmeros pedidos dos bragantinos, face a constatação da inexistência de outra fonte de renda para a população, respectivamente.

Cabe ressaltar, por fim, que a preocupação em solucionar a problemática da insuficiência de trabalhos remunerados da população bragantina, através de arranjos entre a prefeitura e a população, cujo palco dessas articulações foi a feira, suscitou

o que, atualmente, constituiu-se no grande problema da administração vigente. Ao idealizar um projeto de reestruturação da feira, obedecendo ao modelo da Ceasa, a Prefeitura Municipal encontra-se em uma situação difícil para integrar feirantes oficiais e não-oficiais em seu novo projeto. Isto porque, ao alijar os feirantes não-oficiais<sup>3</sup>, tem-se a certeza de estar retirando a única via de sustento de inúmeras famílias, o que originará um problema sem precedentes. Ainda que a prefeitura esteja lidando com uma parcela significativa da população bragantina que não se encontra organizada em associações, sindicatos ou entidades comunitárias, as consequências seriam política e economicamente desfavoráveis.

Quanto à eficácia do projeto, as opiniões são divergentes. Se por um lado, acredita-se que o estabelecimento de uma padronização para as barracas trará melhorias tanto para a administração municipal quanto para os feirantes por outro, acredita-se que o número de barracas proposto não irá atender as necessidades dos feirantes. Entretanto, apesar da divergência, o início das obras depende da aprovação do projeto e do envio de verbas para o município, segundo informações do próprio Secretário de Administração, Sr. José Valério Monteiro.

Se as opiniões divergem quando se fala sobre a reforma da feira, o mesmo não acontece quando se trata de mencionar a importância econômica que ela representa para o município. Neste caso ocorre uma unanimidade, pois além de ela abrigar um grande número de trabalhadores, proporcionando uma fonte de renda para pessoas que fazem da feira o seu próprio

3 "Feirantes oficiais" são os trabalhadores cadastrados junto à Prefeitura Municipal; "Feirantes não-oficiais" são aqueles que, não obstante exercerem atividades profissionais na feira, não têm cadastros na prefeitura.

sentido da vida, possibilita ao município uma arrecadação bastante significativa, através dos impostos pagos pelos feirantes. Em suma, a feira de Bragança desde o seu nascimento, faz parte do cotidiano dos bragantinos, quer se trate de habitantes da zona urbana como da zona rural, enfim, de todos os que lá chegam para dar um pouco de seu suor, mas sempre com a esperança de colher dela um pouco de felicidade.

## 2 FEIRA E COTIDIANO

Segundo Aurélio Buarque de Holanda no seu "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", o termo "feira" provém do latim tardio "feria" e significa, entre outras expressões, "lugar público muitas vezes descoberto, onde se expõem e vendem mercadorias", "balbúrdia", "falario", ou, ainda, "lugar onde se vendem sobretudo legumes e frutas".

Podemos dizer que a feira de Bragança, possuindo esses atributos, apresenta-se como uma pequena cidade. Ao se caminhar por suas estreitas veredas, podemos facilmente identificar os espaços "nobres" dos "não-nobres"<sup>4</sup>, refletindo tal classificação nos tipos de pessoas que neles estão instalados. As práticas e relações sociais aí estabelecidas dão-se de forma condensada e espelham diferentes facetas da vida cotidiana.

Na dinâmica da feira encontramos diferentes mecanismos de identificação operando no seu interior: cada grupo procura desempenhar atividades específicas, em função de seus interesses e experiências.

4 Os espaços "nobres" correspondem as partes centrais e estratégicas da feira. Compreende as áreas que margeiam a avenida principal, por onde trafegam veículos e circulam o maior número de pessoas, e, ainda, onde se dá o embarque e desembarque dos produtos e das pessoas oriundas do interior. Os espaços "não-nobres", são os espaços marginais da feira, identificados por pequenas veredas, geralmente sem calçamento e por estarem próximos da beira do rio, cujas mercadorias são colocadas sobre caixotes, bicicletas ou locais improvisados.

Entre os mecanismos responsáveis pela apropriação e uso dos espaços da feira, está aquele em que tais ações justificam-se apenas por critérios econômicos, visto que a maior parte das pessoas que lá desenvolvem suas atividades reclamam da falta de emprego ou não têm vínculo alicerçados em obrigações legais definidas. Nesse sentido, o significado da feira para elas é medido pelo o que ela pode oferecer-lhes em termos de ganhos materiais e econômicos.

Esta função, aliás, está bem caracterizada no depoimento de uma feirante, ao afirmar que a importância da feira reside no fato, dela ser o seu “ganha pão” e ainda o local onde encontra os seus amigos, logo, correspondendo a um lugar seguro. Como observa a feirante:

“... É muito importante, porque é onde eu ganho o meu pão, é onde eu tenho meus amigos. É a nossa roça de todo mundo, é a feira. Roça... que brota todo dia; a do interior é de ano a ano. Porque num tem emprego aqui dentro de Bragança, e a feira é onde se tem liberdade... Pra quem tem vontade de num mexê na coisa alheia, andá de cara pra cima, é aqui que ele encontra tudo ...”  
(D. Matilde, vendedora de caranguejo).

Ao reconhecer, entretanto, que a feira não se atualiza apenas por padrões econômicos, tal fato aponta para um dado importante da questão que se está procurando demonstrar aqui. Em vez de se procurar saber o que a feira pode fazer pelos feirantes procura-se identificar que uso fazem dela as pessoas que nela trabalham e vivem<sup>5</sup>.

É esta dimensão que permite, a nosso ver, de um lado a manutenção da feira enquanto espaço “homogêneo” e generalizado de trocas de bens e serviços, em comparação ao resto do

<sup>5</sup> Além da convivência diária da maioria dos trabalhadores com a feira, existem aqueles que, possuindo barracas de alvenaria, permanecem nesses locais de forma mais perene. Neste caso, a feira assume o caráter de moradia.

comércio da cidade, e de outro, a sua diversificação em inúmeros setores de atividades bem definidas, formando outras pequenas “feiras”, demonstrando desde já, que existem maneiras diferentes de se apreender a realidade.

Assim, no momento em que feira transforma-se em “sínese da atividade econômica” do Município de Bragança, ela assume um suposto caráter de unidade, ainda que o seu interior esteja permeado de inúmeras atividades que nela circulam: vendedoras de comida, de farinha, de caranguejo, “botequeiros”, “fruteiros”, “marreteiros”, “colonos” (trabalhadores da colônia), além de trabalhadores da “praia” e dos “campos”, estes três últimos sendo vistos pela maioria dos feirantes da cidade como os legítimos “donos da feira”, por serem os responsáveis pelo seu abastecimento.

Tal observação nos ajuda a indicar o peso que a prática cotidiana exerce no contexto sócio-cultural de cada grupo doméstico. Essas práticas, além de serem responsáveis por uma negação à rigidez das normas, são também favoráveis a uma ambivalência e fluidez com relação à demarcação dos limites de cada atividade. “Ser feirante”, portanto, não se remete a um valor fixo. Este fato vem esclarecer o comportamento de alguns vendedores de caranguejo ao dividirem o seu trabalho como resultado de tempos diferenciados: inverno e verão. Assim, durante o inverno vende-se o caranguejo, durante o verão, o sururu, pois como observou um informante “a diferença do sururu para o caranguejo é a época”. Podendo ocorrer também, que a assunção da identidade de “vendedor de caranguejo” não elimine a de “retalhista”, ou a de “marreteiro”, cujas classificações manifestam-se simultaneamente.

Essas observações nos remete ao conceito de “habitus” desenvolvido por BOURDIEU (1983, p. 24, 105), segundo o qual os indivíduos possuem determinadas disposições adquiridas, maneiras duráveis de ser ou de fazer, as quais são socializadas a

partir de determinados contextos. Assim entendido, as condições objetivas engendrariam “habitus” (= corpo socializado), que, por sua vez, orientariam outras práticas sociais, gerando, assim, outras combinações, cuja importância reside no reconhecimento desse caráter combinatório das práticas cotidianas. Em síntese, esta perspectiva leva os indivíduos a criarem suas próprias realidades (GEERTZ, 1978), ainda que dentro de uma estrutura social demarcada por relações de poder.

Creemos que aqui podemos incluir um outro elemento como constitutivo, desse processo de identificação de diferentes grupos domésticos com o universo da feira: a sua dimensão cultural.

A dimensão cultural está assentada no uso de elementos sógnicos da comunicação (os instrumentos habituais de trabalho, o produto e a mercadoria vendidos) durante cada jornada e, fundamentalmente, pelo sentido reinterpretaivo dado pelos feirantes às suas práticas. Assim, cada localidade faz-se representar, e à medida que se representa, atualiza nesse confronto de identidades, entre o habitante da colônia, dos campos, das praias e o da cidade, um só caráter; o de bragantino. Desta forma, “ser bragantino” - aspecto que assinala já um caráter regional mais amplo -, passa por experiências e práticas sociais locais e, por conseguinte, diferenciadas.

Embora as regiões que compõem o município apresentem alguns pontos em comum, principalmente com relação às condições de trabalho e atividades produtivas, beirando para uma economia artesanal, é na feira que suas diferenças são atualizadas de forma mais intensa.

O habitante da colônia, com efeito, tem na base de sua atividade econômica, o cultivo da mandioca destinado à produção da farinha, além da atividade criatória de aves, suínos e bovinos, estes últimos em pequena escala. O mesmo podemos dizer para as regiões dos campos, acrescentado-se, aqui, o

cultivo do feijão, do milho, e, principalmente do tabaco, o qual passa a se constituir em um elemento de peso na pauta de comercialização local. Com relação à região da praia, na Vila de Ajuruteua, devido às condições físicas e geográficas do lugar, o cultivo de cereais fica impossibilitado, assim como o sistema de plantio de roças, e o comércio fica dividido entre pequenos estabelecimentos localizados e “atravessadores” do pescado, porém, aqui, a prática que define a localidade é a pesca e a extração do caranguejo.

Assim, o feirante do interior<sup>6</sup> e mesmo o da cidade, ao se identificar com a feira, o faz de forma diferenciada, em função de suas experiências cotidianas.

Dos três grupos de trabalhadores da feira, que tivemos oportunidade de entrevistar e estabelecer contatos mais efetivos, colhemos, a grosso modo, o seguinte quadro, o qual nos ajuda a perceber alguns traços relativos às suas esferas de atuação. Isto é, que eles são homogêneos internamente e que se diferenciam externamente, opondo-se assim a outros grupos que atuam no mesmo campo de trocas de bens e serviços.

Internamente, podemos dizer que todos os grupos de trabalho, têm um ponto em comum com a feira no que se refere à sua função econômica. Porém, no momento em que cada grupo é reflexo de histórias de vidas particulares, tais grupos acabam revelando suas especificidades. Assim, a oposição entre eles se dá em função de estratégias variadas, que vão desde a forma de inserção e aproveitamento do espaço, divisão de sexo, até as estratégias de vendas, cujas práticas devem levar em consideração a própria natureza do trabalho de cada grupo.

<sup>6</sup> Denominamos “feirante” ao trabalhador que tem uma atividade definida no espaço da feira, embora correspondendo a uma noção genérica, pois é como cada trabalhador se define num primeiro plano. Essa denominação dá lugar a outras mais específicas no contexto das relações sociais da feira, quando se experimenta conhecer as inúmeras especialidades de ocupações existentes no seu interior.

**QUADRO 1**  
**ALGUMAS OCUPAÇÕES PROFISSIONAIS DA FEIRA LIVRE**  
**DE BRAGANÇA**

Classe	Vendedoras de comida	Vendedores de farinha	Vendedores de caranguejo
Sexo	. grupo feminino	. grupo misto	. grupo predominantemente masculino
Local de Moradia	. trabalhadores moradores na cidade (subúrbio)	. trabalhadores moradores na cidade (subúrbio)	. trabalhadores moradores na cidade (nos bairros mais pobres) e no interior
Situação na Ativ.	. aparentemente duradoura	. aparentemente duradoura	. flutuante*
Localização e Status	. privilegiada (frontal)	. privilegiada (lateral)	. desvalorizada (marginal)
Tipos de Barracas	. barracas cobertas	. barracas cobertas	. inexistência de barracas
Estratégias de venda	. tratamento desigual aos fregueses e uso relativo de tabelas de preços	. uso da propaganda e de tabela de preços	. diversificação nas formas de venda e não utilização de tabela de preços

\* Sua permanência na atividade se dá em função da safra do produto

Vemos que no trabalho resultante dessas atividades, realizadas por uma ordem prática e simbólica, encontramos expressa toda a dinâmica cultural da feira. Nesse sentido, a cultura da feira de Bragança adquire sua importância não pela soma de objetos classificados e armazenados para o consumo local nos espaços a eles destinados, mas pela possibilidade que permite de articular combinações de elementos simbólicos e práticas sociais. Este fato serve para avaliarmos como um mesmo espaço é ocupado por grupos de interesses diversos, em momentos diferentes, cujos comportamentos, gestos e conveniências são interpretados também de forma diferenciada. Tal fato nos leva à seguinte inferência: se a feira pode ser tomada

como uma cidade em miniatura, como sugerimos no início, e cujos espaços são rigidamente demarcados, ela equivaleria a um código, e a função de cada agente nela inserido seria o de decodificar suas mensagens, de acordo com os interesses e experiências de cada um, onde o saber informal e as práticas af socializadas adquirem um peso simbólico muito grande.

Essa perspectiva possibilita enxergarmos de forma mais transparente que a importância da dimensão cultural da feira está no *fazer*, enquanto trabalho vivo, ou seja, resultado de um processo de relações sociais intenso, onde a cultura se desfeticiza e passa do nível de reificação para o nível da ação (simbólica) e do trabalho (BOSI, 1987, p. 31-58) de pessoas desejosas de conhecer e dar sentido às suas vidas e necessidades.

Nesse sentido, a feira, enquanto espaço simbólico, permite visualizarmos a dinâmica econômica e sócio-cultural do Município de Bragança como um todo, pois ela reflete as suas diferentes classes sociais, bem como as suas contradições. Enquanto espaço de representação, sua eficácia e sua permanência no contexto local e no imaginário popular, reside no fato de que, enquanto espaço aglutinador permite que grupos sociais encontrem um lugar para poder ser, viver e pensar.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as breves considerações sobre a história da feira e o significado dela para os seus "produtores", que servirão de subsídios à nossa pesquisa, cremos que alguns pontos podem ainda ser demarcados:

a) *O caráter aglutinador* - Vemos que a feira possui, como um todo, uma dinâmica voltada para empregar pessoas dentro de uma "economia informal", que além de se constituir em um local de entrecruzamento de diferentes saberes e ocupações profissionais, acaba influenciando a dinâmica das pessoas que

para ali convergem ou dela vivem. A feira, altera o ritmo de vida da cidade de forma sistemática. Nesse sentido, corresponde ao espaço disciplinador das atividades econômico-sociais, pois ao absorver parte da mão-de-obra local acaba por exercer a função de principal empregador, refletindo assim, as carências da própria sociedade.

b) *O espaço ritualizado* - A feira assume também o caráter de um espaço ritualizado. Ao operar com um conjunto de arranjos, permite a criação de outros símbolos, os quais se encarregam de reforçar ou reproduzir os status e os papéis de seus realizadores. Assim, embora os feirantes em suas diferentes formas assumidas estejam inseridos dentro de uma ordem estruturada (a obrigatoriedade do pagamento dos impostos municipais, a permanência nos lugares através de “concessões”, muitos desses lugares considerados como marginais na feira), não elimina a possibilidade de recriarem outras formas simbólicas capazes de lhes possibilitar o reforço de suas identidades locais e regionais, o que resulta na representação social de todo um ethos<sup>7</sup>. É esta dinâmica presente nas relações sociais estabelecidas na feira que confere a ela um sentido ritual profundo. Se a feira reforça as hierarquias cotidianas pelo fato de seus realizadores estarem inseridos dentro de uma ordem estruturada, é o seu caráter cíclico (a feira se renova diariamente dentro de um tempo e de um espaço delimitado), que permite a ela atualizar-se a partir das experiências cotidianas de cada um que nela trabalha. Enquanto espaço reinventivo a feira passa a ser o espaço que melhor caracteriza a cultura bragantina, pois consegue expressar simbolicamente como é

7 Sobre o conceito de ethos ver GEERTZ (1978, p. 143).

possível todos terem acesso ao trabalho, logo à cultura, a partir das vivências de cada um. O que a sociedade envolvente nega cotidianamente ao trabalhador, isto é, o trabalho baseado em obrigações legais e sociais, aquele o *inventa na e para* a feira, tornando-se, assim, no legítimo provedor de sua própria subsistência (DIAS, 1984).

c) *O caráter ordenador na desordem* - A feira enquanto espaço aglutinador é ordenador, o que contraria a opinião de muitos administradores locais, que a percebem como um espaço desordenador. Observada a partir do ponto de vista das pessoas que nela trabalham e se relacionam, ela se apresenta rica em lógica e coerência, possuindo um sentido preciso em cada ação executada, quer seja pelos vendedores, produtores ou compradores. Neste sentido, no plano da cultura, torna-se bastante oportuno o pensamento de LARAIA (1989, p. 95) e com o qual concordamos, ao afirmar que “cada cultura ordena a seu modo o mundo que a circunscreve e que esta ordenação dá um sentido cultural a aparente confusão das coisas naturais”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: CULTURA brasileira e Contradição. Rio de Janeiro: Zahar/Funarte, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A INTERPRETAÇÃO das culturas, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- LARAIA, Roque de Barros. Como opera a cultura. In: *CULTURA: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- SILVA, Dedival Brandão da. *Os tambores da esperança: um estudo antropológico sobre a construção da identidade na Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança*. Porto Alegre, 1990. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## ETNOEDUCAÇÃO PARA A AMAZÔNIA\*

### Relato da experiência da Universidade Federal do Pará

Jane Felipe BELTRÃO  
Departamento de História  
e Antropologia da UFPA.

**RESUMO:** Relato da experiência da Universidade Federal do Pará - Brasil sobre Etnoeducação para a Amazônia, onde um grupo de pesquisadores procura recuperar e sistematizar as formas de educação praticadas pelas etnias amazônicas, através de investigação etnológica e prestação de serviços.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnoeducação, Amazônia, Educação na Amazônia

**ABSTRACT:** This is a report of experiences undertaken under the auspices of the Federal University of Pará (Brazil), dealing with the Amazonian ethnoeducational program. The aim of the program is to revitalize and systematize the forms of education as practiced among various Amazonian ethnic groups, through ethnological investigation and services rendered within the regional communities.

**KEY WORDS:** Ethnoeducation, Amazon Region, Amazonian education system

### 1 O QUE SE ENTENDE POR ETNOEDUCAÇÃO

Educação enquanto processo de resgate e reafirmação das identidades amazônicas, no Brasil, ainda é uma utopia perseguida por pessoas que querem exercer sua cidadania plenamente. Evidentemente, a cidadania vem sendo exercitada, sobretudo, por minorias étnicas e sociais apoiadas ou não

\* Documento apresentado e discutido no Seminário Internacional sobre "Educação Indígena em la Amazonia" em Florência, Caquetá, em outubro de 1991.